

Temática: Formação e trabalho de profissionais da infância

Autores: Cíntia M. Galina, Emanuelle de S. S. Wada, Mariana C. de O. Rodriguez

Narrativas, histórias e contos infantis: Suas consequências estruturantes para bebês e pequenas crianças em contexto de educação infantil

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, partindo da experiência de sala de aula de três profissionais, problematizar de que maneira as narrativas apresentadas a bebês e pequenas crianças podem contribuir para sua estruturação psíquica, introduzindo marcas da cultura através da literatura. Valendo-se da psicanálise como fio condutor de um olhar, o artigo retoma a importância do momento compartilhado de ouvir histórias e da possibilidade de uma interpretação individual, na qual a experiência singular vai atravessar as marcas deixadas por uma narrativa.

O texto propõe, ainda, uma análise sobre os diferentes tipos de contextos literários trabalhados na educação infantil e sobre a importância da estabilidade textual para as pequenas crianças. Finalmente, há uma reflexão sobre a necessidade de sustentar o ato narrativo durante o período pandêmico, sendo os contos responsáveis pela constituição de um laço e da sustentação de vínculos.

Palavras chaves: literatura infantil - narrativas - estruturação psíquica - educação infantil - livro

"Para falar das histórias, muitas histórias serão narradas. Mas este livro só será concluído por você, leitor, cuja as histórias formarão outras narrativas que, por sua vez, vão levá-lo a perceber, em meu texto, histórias que nem eu sabia que queria contar." (PRIETO, 1999, p. 10)

Todo mundo tem uma história. Isso é o que nos torna únicos, nos torna humanos. Um sujeito é porque foi e porque fomos. Pois a história de cada um pertence a uma coleção, cheia de encontros, em que um é personagem do outro. Contar histórias aos pequenos é abrir possibilidade para que uma criança reconheça aquilo que se passa com ela na voz do outro, como menciona Cezar, Filho e Nolasco (2020, p.94): "Ofertar narrativas é abrir novos espaços de produção, criar meios para dar forma, palavra, significado, afeto e sentido aos acontecimentos da vida, o que resulta na possibilidade de pensar a própria realidade".

Na educação infantil, a hora da história é um momento de enlace, em que crianças e adultos são capturados ora pelas aventuras de uma menina que sente medo de tudo e que se depara com um lobo, como em *Chapeuzinho Amarelo*, ora pelo desejo de um coelho branquinho em descobrir o segredo para ter uma pele escura, em *Menina bonita do laço de fita*. Com os olhos atentos, cada um recebe a história à sua maneira. Almofadas e corpos amontoados para apreciar a voz que carrega o caminho. E cada um recebe as palavras à sua maneira. O herói se apresenta de formas diferentes e, enquanto alguns sonham ser príncipes, outros querem ser lobos. As narrativas infantis permitem que as crianças se encantem com um mundo inusitado, alimentem seus faz-de-conta e, ao mesmo tempo, reconheçam aquilo que acontece em suas vidas nas obras literárias, encontrando um lugar para significar suas experiências.

Quem não se lembra de alguma história marcante de infância, seja ela de contos tradicionais infantis, seja ela de boca? Alguma narrativa, história marcada não só pelo enredo, mas pela trama do cenário ou do afeto. Tais lembranças atestam aquilo que, de alguma forma, nos tocou, nos fez marca simbólica. Eis o que Yolanda Reyes, 2017, nomeia como substância oculta dos contos, "esse poder das palavras para dar nome e sentido às realidades interiores".

As experiências que as crianças vivenciam por trás das histórias são inúmeras e podem ser profundas, gerando associações e emoções que ultrapassam os limites das páginas do livro e convocam para um mergulho nas narrativas internas. São nessas histórias que elas vivenciam simbolicamente uma infinidade de elementos, personagens e suas diferentes vidas,

mesmo que em outros tempos e outros espaços. Nas histórias, elas podem se identificar e se reconhecer plenamente ou apenas admirar uma característica nunca imaginada, de um personagem e pontos de vista distintos. As narrativas emprestam a elas suas palavras para que as crianças possam encontrar significados para aquilo que vivenciam nas profundezas de seus mundos internos.

Dentro das narrativas e histórias, a subjetividade faz morada. Mobiliza as experiências da nossa vida e de cada vida. É a letra inscrita à maneira de cada um, atravessado pelo que nos toca, que mobiliza cada um de nós em nossas zonas privadas e pessoais. Reys (2017) usará a metáfora que embora pertencemos a uma mesma cultura, que fala uma mesma língua, cada um construirá a sua "*casa de palavras*" para se relacionar com o mundo: "cada ser humano vai se apropriando do código através de suas próprias experiências vitais".

Reys (2017) faz questão de falar sobre isso pois defende o poder da literatura dentro das escolas. A autora coloca uma lupa na importância das instituições reconhecerem também este lugar dos livros, não só como para se fazer uma atividade em seguida e saber detalhes sobre o enredo, mas saber ensinar e vivenciar este outro lado dos livros e dos contos: a profundidade que um livro pode alcançar na subjetividade de cada um, revisitando as suas histórias e as letras inscritas ao longo de sua vida:

"... a literatura deve ser lida, vale dizer, sentida, a partir da própria vida. Aquele que escreve estreia as palavras e deve reinventá-las a cada vez, para imprimir a sua marca pessoal. E o leitor de literatura recia esse processo de invenção para decifrar e decifrar-se na linguagem secreta do outro. Esse é um processo complexo que compromete, por assim dizer, dois sujeitos, com toda sua experiência, com toda sua história, com suas leituras prévias, com sua sensibilidade, com sua imaginação, com seu poder de se situar para além de si mesmo. Trata-se de uma experiência de leitura complexa e, é necessário dizer, difícil. Mas se pode ensinar..." (REYS, 2017, p.7)

Ainda, podemos discorrer sobre a dimensão coletiva das histórias e de como elas nos unem em torno de um conhecimento coletivo, de uma tradição que é passada por gerações. As rodas de histórias, os contos de fada, as histórias de boca trazem elementos de um processo de humanização que passa pelas palavras e que se inscreve no corpo de quem escuta. Conhecer Chapeuzinho Vermelho é mais do que saber sobre o caminho escolhido pela menina teimosa de roupa vermelha, é compartilhar uma referência, é ser alimentado pela cultura da qual faz parte. Há algo de inicial nas histórias que contamos, algo que nos remete aos antepassados de "muito tempo atrás, em um lugar distante". Ao discutirmos essa

característica dos contos clássicos nos deparamos com a ideia de uma experiência inicial que se repete e vai sendo marcada.

Na Educação infantil, principalmente na primeira infância, as professoras se questionavam entre ler e contar um livro. Atualmente se sabe que ler uma história no lugar de contá-la viabiliza uma série de possibilidades. Dentre elas destacamos a estabilidade textual, o que possibilita prever e se apropriar de um texto, sem perder o frio da barriga das grandes aventuras. Assim a criança é ouvinte, mas também protagonista na alegria assertiva de participar de um texto. A permanência textual é também mais um elemento para auxiliar na elaboração da permanência do objeto. Para que essa leitura seja possível é importante que a curadoria seja adequada, ou seja, livros que conversem de fato com a criança, seja pela idade, seja pelos seus interesses.

Existe um gênero na literatura oral que permite a estabilidade textual, o ritmo e o mapeamento corporal, são os “brincos”: brincam de forma musical, com as palavras e com o corpo. A delicadeza e potência dos brincos destina-se à primeira infância acalentando mães, pais e professoras com seus bebês, deixando fluir uma narrativa que mora nos tempos passados, passado de geração em geração. Assim, vai se mapeando o corpo, bordeando-o, garantindo também a modulação da voz dos brincantes, além do júbilo de quem brinca e se encontra na brincadeira compartilhada.

Um dos tipos de narrativa comumente apresentado às crianças pequenas é o das histórias acumulativas. Nestes livros, uma mesma cena se repete ao longo do conto. Palavras são repetidas e cantadas pelas crianças como um refrão. Ao contar histórias como essas vemos que as crianças aguardam ansiosamente pelo momento em que poderão ecoar, em alto e bom som, a frase conhecida. Um olhar de júbilo acompanha o ato da pronúncia e os pequenos se tornam, naquele instante, dominadores da linguagem. Eles trazem as frases à boca e, em seguida, as perdem novamente. Um *fort-da* em palavras, com a alternância entre a parte evocada e novos elementos, desconhecidos na história. A narrativa deste tipo de história em contexto escolar traz ainda a possibilidade de uma dimensão coletiva, onde fala vira coro e, juntas, as crianças mostram a força de viver uma história compartilhada.

Um assunto recorrente na Literatura Infantil é o desfralde. Ela trata esta temática de forma lúdica e eficiente, e de alguma forma faz em si a função do desfralde, pois externaliza

algo que antes estava guardado. A partir dos livros, cocô e xixi viram assunto, palavra e ilustração, transformando assim objeto em linguagem. Além de oferecer aos leitores a possibilidade do controle: posso seguir página por página, voltar, apreciar, reler, cheirar e até passar adiante rapidamente e chegar ao final.

Por fim destacamos a experiência de ler nos encontros virtuais nos tempos pandêmicos quando as crianças fizeram uso da estabilidade textual podendo acompanhar um enredo permanente, estável nas palavras e livres na poética de podermos ir a praia com o Lico de bicicleta, de comer bolo de lobo, de ser cúmplice da Galinha Xadrez e de alcançar a lua com o ratinho. Vivíamos a previsibilidade da ficção em contraponto a nossa realidade com falta do amanhã.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, A. C. e BAROUKH, J. A. In: *Ler antes de ler - Oito mitos escolares sobre a leitura literária*, São Paulo: Panda Books, 2018 p. 26.

CEZAR, L. O.; FILHO, F. C. DOS S.; NOLASCO, V. A experiência narrativa como fator constitutivo da formação humana - uma reflexão a partir de Benjamin, Freud e Larrosa. In: *Quando algo não vai bem com o bebê: detecção e intervenções estruturantes em E.P.* JERUSALINSKY, J e MELLO M. (orgs.) Salvador: Ágalma, 2020, p.90-103.

GALINA, C. M. *Ensino Remoto Emergencial na Primeira Infância ou encontros vespertinos na janela de luz azul.* 2021.

KEHL, M. R. A criança e seus narradores. In: *As fadas no divã.* Org. Corso e Corso. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MACHADO, A. M. Eternos e Sempre Novos. In: *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PRIETO, H. *Quer ouvir uma história?* São Paulo: Angra, 1999.

REYS, Y. *A substância oculta dos contos*. Revista **Emília**. [S.I.] 2017. Disponível em <https://emilia.org.br/a-substancia-oculta-dos-contos/>. Acesso em: 26 ago. 2021.